

ROCK MEETING

Nº 41 | Ano IV | Fevereiro 2013

E MAIS
REVIEWS

DESTRUCTION TOTAL DESASTER!

TURNÊ IMPRESSIONANTE



Matanza



BOM É QUANDO FAZ MAL

DEATH/THRASH SEM PERDÃO!





DIEGO
GEDOZ
DE SOUZA

ARTWORKS FOR
THE EXTREME MUSIC INDUSTRY
AND UNDERGROUND
CULTURE

ALBUM ARTWORK | MERCH/APPEL | CONCERT/TOUR POSTERS | LOGOS | DIGITAL ART



WWW.FACEBOOK.COM/DIEGOGEDOZDESOUZA

DIEGOGEDOZ.COM

Editorial

TENDE BOM
ÂNIMO!

2013 já começou com muitas promessas de musicalidade ao extremo da qualidade. Enquanto estávamos anestesiados com o início deste, ainda sob o efeito do ano que passou, alguns bons motivos nos fazem lembrar porque gostamos tanto do estilo musical aqui pregado sem distinção de estilo, culturas e crenças. A música é a mesma e todos querem ouvir o que mais lhe agrada.

É inevitável não se familiarizar com tantos problemas vividos por nós, sejam elas do mundo, da nossa família e de nós.

Vale sempre lembrar: somos nós os principais empecilhos de nossas próprias decisões.

Vamos lá. Continuem!

Muitas turnês para acontecer, junto com ela a oportunidade de conhecer algo novo e surpreendente. Quer um conselho já manjado? Valorize a sua cena musical. Não espere que aconteça algo se você não comparece aos shows para torná-los possíveis. Fica a dica!

Anime-se que o novo ano está apenas começando.



Table of Contents

- 07 - **Doomal** - Novo Colunista
- 11 - **News** - World Metal
- 15 - **Matéria** - Boston
- 18 - **Show** - Skull Fist
- 22 - **Entrevista** - Carniça
- 30 - **Capa** - Destruction
- 36 - **Entrevista** - Matanza
- 46 - **Show** - Matanza
- 49 - **Coluna** - Review
- 52 - **Review** - Verão Revolução
- 56 - **Coluna** - O que estou ouvindo?



ROCK MEETING

Direção Geral

Pei Fon

Revisão

Breno Airan
Katherine Coutinho
Rafael Paolilo

Capa

Alcides Burn

Diagramação

Pei Fon

Conteúdo

Breno Airan
Daniel Lima
João Marcelo Cruz
Jonas Sutareli
Lucas Marques

Colaboradores

Mauricio Melo (Espanha)
Vicente de A. Maranhão

CONTATO

Email: contato@rockmeeting.net

Facebook: Revista Rock Meeting

Twitter: @rockmeeting

Veja os nossos outros links:
www.meadiciona.com/rockmeeting



DOOMAL

NORDESTE TOUR 2013

..... MAIO

QUI 09/MAIO • DATA LIVRE
SEX 10/MAIO NATAL
SAB 11/MAIO RECIFE
DOM 12/MAIO CARUARU #TBA



Por Vicente de A. Maranhão (Sunset Metal Press)

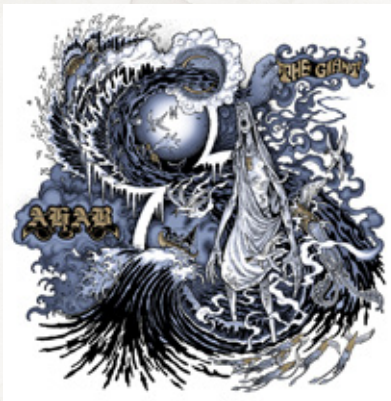


Mal chegamos em 2013 e olhando para trás podemos sentir que algumas vezes um filme passa pela nossa cabeça, mostrando tudo o que aconteceu até o momento, algumas memórias e coisas ainda estão frescas, outras porém nem tanto. Filosofias à parte, não poderia deixar de abrir a primeira matéria *Doomal* desse ano sem recapitular os grandes álbuns dos mais variados subgêneros do Doom Metal lançados no ano de 2012.

Apesar de não ter ocorrido nenhum cataclismo cósmico oriundo de uma mitologia Maia, o ano que passou com certeza teve um efeito misterioso no cenário underground mundial. Muitos medalhões lançaram belos álbuns, alguns renascimentos de artistas que há muito não lançavam um disco de qualidade. A grande exploração de temáticas e melo-

dias abordando de maneira belíssima aspectos existenciais da vida dentro de panoramas como a dor, descrença, ódio, desilusão e o encontro irremediável com a morte.

Entendendo a grande quantidade de lançamentos marcantes, esta lista será dividida em 02 edições da *Rock Meeting* e irá assinalar as bandas em ordem alfabética. Devo salientar que esse trabalho é elaborado com um grande terror instalado no coração, para não ser excludente com nenhuma banda e objetivando ao doomed leitor a possibilidade de lembrar ou descobrir um grande trabalho que fora lançado. Ouça um desses registros e deixe rolar uma lágrima...



Ahab – “The Giant” (Napalm Records). A banda alemã praticante do estilo auto denominado como Nautik Funeral Doom e conhecida pela sua obsessão doentia pelo

oceano surpreende mais uma vez com um álbum calcado na introspecção contida entre os trechos acústicos e os muitíssimo bem explorados vocais limpos. Um álbum que é inteligentemente baseado em uma narrativa muito esquecida e terrivelmente curiosa por Edgar Allen Poe.



Anhedonist - “Netherwards” (Dark Descent Records). O lançamento em 2010 da demo destrutiva denominada “The Drear” foi apenas uma pequena amostra do que este quarteto

colossal poderia fazer. Com uma produção old school, o novo álbum traz um som moroso e apocalipticamente melódico com guitarras extremamente graves e estrutura musical monolítica e guturais brutais.

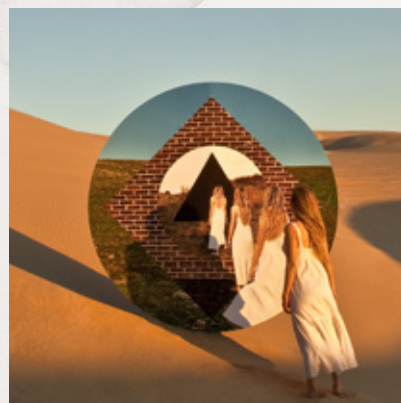


Asphyx – “Deathhammer” (Century Media Records). Com certeza uma banda

que sempre seguiu fiel a sua fórmula nos seus quase 30 anos de carreira, com a mesma pegada de Death Metal com passagens de Doom Metal, o novo material traz um set list que pode ser dividido em canções velozes intercaladas por outras mais lentas com ênfase nos riffs e peso absoluto somado a voz torturada do lendário Martin van Drunen.

Ancestor - “In Dreams and Time” (Tee Pee Records). Os californianos nos brindam com um lançamento emocionante, que mescla o Stoner/Doom com elementos do rock progressivo no melhor estilo setentista, cheio de sintetizadores e solos etéreos. O andamento das músicas, acompanhando da combinação poderosa de três vocais, cria um clima psicodélico para uma viagem à melancolia.

Baroness - “Yellow & Green” (Relapse Records). Os americanos superam a si mesmos nesse disco duplo cheio de energia e ousadia, onde a sonoridade transita entre introspecção e



catarse, seja em faixas acústicas minimalistas, seja nas poucas vezes quando abusa da pegada Sludge típica dos primeiros discos. Yellow e Green criam uma série de paradigmas intrincados dentro de temáticas conflitantes, que torna impossível ouvir um sem querer ouvir o outro.



seu debut, que conta apenas com suas vozes, baixo e bateria (e nenhuma guitarra), agarrar a perda inata e terrível que é encontrada em apenas estar vivo.



Candlemass - “Psalms for the Dead” (Napalm Records). Não posso deixar de registrar meu pesar e tristeza ao falar desse disco, considerado um registro magistral e fúnebre da lendária banda que o anunciou como

Bell Witch – “Longing” (Profound Lore Records). Uma obra de sentimentos emocionalmente exaustos de desesperos. A dupla Dylan Desmond e Adrian Guerra consegue em

sendo seu último material lançado. Com riffs de andamento lento, melodias densas e os vocais obscuros de Robert Lowe, o material mantém o padrão de composição alcançado em “Death Magic Doom” (2009), contendo climas que variam entre o assustador e o belo com muita naturalidade.

Daylight Dies - “A Frail Becoming” (Candlelight Records). Este é o quarto álbum cheio de tristeza e desespero desses mestres de melancolia. Daylight Dies nos surpreende com uma fórmula amadurecida onde as estruturas musicais são intrínsecas, complexas e cheias de uma profundidade que as canções anteriores não tiveram. Um disco que cadencia agressividade e leveza tão harmoniosamente que é impossível procurar um aspecto sem encontrar o outro.



Evoken - “Atra Mors” (Profound Lore Records). Com o seu quinto álbum de estúdio, após um jejum de cinco anos, mostra que a banda recua às suas raízes Death Metal, porém construindo climas arrastados de extrema morbidez, uma vantagem perversamente



DOOM

triste potencializada pelos vocais podres de John Paradiso, um registro de angústia constante e dolorosa.



Galadriel - “The 7th Queen Enthroned” (Gothoom Productions). Os eslavos estão de volta em mais uma obra épica, que marca o seu sétimo full ao longo de seus 17 anos de carreira. O álbum consegue mesclar na medida certa um “diálogo” do belo vocal de Sona Witch Kozakova com sua contraparte masculina, Dodo Datel. Apesar de manter os elementos característicos do Dark/Doom Metal, o disco apresenta um andamento rápido, característico do metal clássico.



Hooded Menace - “Effigies of Evil” (Relapse Records). Death/Doom lento e decrépito com um reverb de voz extremamente necrótico. Os finlandeses mostram através desse

novo disco uma sonoridade onde os riffs se arrastam de tão lentos, ora coexistindo com passagens melodiosas. Simplesmente uma

obra prima moderna do gênero.

Indescine - “Vessels of Light and Decay” (Profound Lore Records). Os londrinos mostram honrar a herança deixada pela tria-de britânica pedra angular do Death/Doom no cenário mundial, após seis anos de silêncio, o grupo lança um disco com uma sonoridade profundamente evocativa, através de riffs dissonantes, vozes ecoantes, e gritos desesperadores, que irão causar pesadelos durante a execução do disco.



Katatonía - “Dead End Kings” (Peaceville Records). O grupo liderado por Anders Nyström e Jonas Renkse mostra nesse novo trabalho



como ainda encontra soluções criativas para fórmulas já testadas. Sua já conhecida mistura de peso e melodia mostra uma banda entrosada em sua principal característica: ser única. Com músicas atmosféricas e guitarras pesadas, usando sempre de forma inteligente os samplers, o novo álbum mostra uma banda que busca referências no passado sem se copiar.

Continua na próxima edição...

PINK FLOYD ACABOU?

Rumores sempre catalisam a ânsia de fãs que não querem ver o óbvio. Mas Roger Waters, baixista e um dos fundadores da banda inglesa **Pink Floyd**, deixou um fato claro em entrevista recente: não haverá reunião alguma da banda. Esse é um ponto usualmente tocado quando algum jornalista conversa com o roqueiro de 69 anos. Ele saiu do grupo após dois anos de lançamento do álbum “The Final Cut”, de 1983, afirmando a quem quisesse ouvir que o Floyd era “uma força criativa desgastada”. “Eu deixei o Pink Floyd por razões muito boas e foi a coisa certa a se fazer. Ela [a banda] acabou em 1985 e continua assim”, pontua. Afora, o baixista diz que seu relacionamento é o melhor possível com os ex-companheiros Nick Mason e David Gilmour.



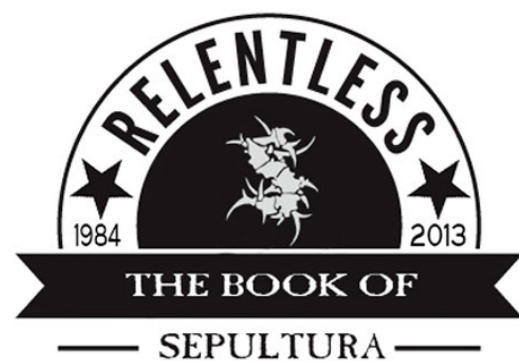
VINIL NO TOPO

Desde 2008, os Beatles tinham o vinil mais vendido nos EUA, segundo a agência especializada Soundscan. O disco “Abbey Road”, de 1969, figurou no topo até a chegada, em abril de 2012, do já clássico debut de **Jack White** em carreira solo, o “Blunderbuss”. A estreia de White está presente também em inúmeras listas de Top 10 mundo afora.



13

Fim do mistério: ‘13’ será o título do novo álbum do **Black Sabbath**. O primeiro álbum de estúdio do grupo com Ozzy Osbourne desde 1978 será lançado em junho pela Vertigo/Universal nos Estados Unidos e pela Vertigo no resto do mundo. A bateria do álbum foi gravada por Brad Wilk, do Rage Against The Machine.



BIO

O **Sepultura** é uma unanimidade no Brasil e também fora dele. Para tanro, sai ainda neste 2013 “Relentless - The Book Of Sepultura”. A biografia cobre as três décadas da banda, nas palavras do autor Jason Korolenko. O press release promete fatos nunca antes revelados e entrevistas exclusivas com membros do grupo no presente e passado, além de amigos, família, fãs, outros músicos e equipe.

ANTHRAX EM BAIXA

Em comunicado oficial, o guitarrista Rob Caggiano anunciou a sua saída do **Anthrax**, para se dedicar exclusivamente à produção. “Estou extremamente orgulhoso pelo meu tempo no Anthrax”, disse Caggiano. “Na verdade, isso é um eufemismo! Realizamos tantas coisas grandes juntos ao longo dos anos, e compartilhei alguns dos melhores momentos da minha vida com esses caras. Como uma banda, nós também resistimos às tempestades ao longo do caminho. Foi uma aventura selvagem (para dizer o mínimo), e eu não mudaria uma única coisa nestes últimos 12 anos. Esta é uma decisão extremamente difícil e emocional, mas meu coração aponta numa direção oposta agora. Sempre segui o meu coração em tudo”, comentou ele, agradecendo também aos fãs.



NO FORNO

O **Megadeth** recentemente iniciou os trabalhos para o décimo quarto disco da banda com o produtor Johnny K. Em uma nova postagem no Facebook, o Megadeth registrou: “David [Mustaine] e Shawn [Drover, baterista] estão com 10 músicas para o novo álbum e estamos trabalhando na última faixa essa noite. Fiquem ligados! Parte dele é um pouco obscura; outra, um pouco rápida”.

DEFESA DOS ANIMAIS

O guitarrista do Jane’s Addiction, **Dave Navarro**, ficou desnudo durante uma campanha contra maus tratos feitos a animais durante testes de cosméticos. É que algumas empresas do ramo o fazem e ele resolveu participar do vídeo (**VEJA**) da organização pelos direitos dos animais PETA (Pessoas pelo Tratamento Ético dos Animais). No registro audiovisual, Navarro explicita que coelhos, por exemplo, recebem injeções com produtos químicos nos olhos em certas empresas. Ele ainda informa que só compra cosméticos em locais em que não há maus tratos aos bichos. Aliás, no próprio site da ONG, existe uma lista com o nome de vários deles.



AGENDA PRESIDENCIAL

A ‘agenda presidencial’ do Soundgarden no final do mês passado estava bem recheada. É que o grupo participou – junto com Beyoncé Knowles, Kelly Clarkson e James Taylor – de um show para a posse do reeleito Barack Obama. O gestor dos EUA ainda contou com a banda grunge por mais outras duas vezes: uma num baile em homenagem às Forças Armadas (que foi, na verdade, apresentação solo do vocalista Chris Cornell) e outra em um tradicional baile presidencial. O Soundgarden lançou em novembro “King Animal”.



VAZOU NA WEB

Após ter duas músicas em versões demo vazadas no ano passado – “It Makes Me Wanna Cry” e “God Help Us All” –, o vocalista e guitarrista **Noel Gallagher**, ex-Oasis, teve mais uma tirada de seu baú. No último dia 22, a canção “Oh, Lord” pôde ser ouvida pelos fãs do músico, através do site de compartilhamento Youtube, **OUÇA**.

Enquanto os ânimos se afluam, Gallagher está à frente do próximo Teenage Cancer Trust, como curador



AS 10 RAZÕES

O vocalista do **U2**, Bono Vox, já não estava mais procurando o que buscava. Ele encontrou um nome para o 13º álbum de estúdio da banda, que fomenta toda a carreira e dá vazão ao quarteto irlandês continuar em frente. “10 Reasons To Exist” é o sucessor de “No Line On The Horizon”, de 2009, e, segundo o frontman, em boa forma. . “Mas te digo que nós temos pelo menos seis [razões para existir]”, brinca Vox.

BOLA FORA

O produtor estadunidense **Jack Endino** – mundialmente conhecido por pôr na praça o debut do Nirvana, em 1989 – criticou as bandas brasileiras que insistem em compor suas canções em língua inglesa. O desabafo dele foi feito em seu Facebook e gerou um sem número de críticas à sua colocação. “Bandas brasileiras!!! POR QUE VOCÊS ESTÃO CANTANDO EM INGLÊS? EU NUNCA CONSIGO ENTENDER

UMA PALAVRA. “Qual o sentido disso? Nunca vai dar o sucesso a vocês fora do Brasil e eu não vejo como isso pode ser um sucesso DENTRO do Brasil. Sim, eu conheço que Sepultura fez isso, mas o inglês deles era excelente, as letras deles eram boas e eles faziam parte de uma gravadora internacional de Metal. Quem mais conseguiu isso? Eu estou perplexo e intrigado com isso”. Ele está coerente? Leia a resposta de Andre Matos **AQUI**



FF INDUZ RUSH

Já foi anunciada a 28ª edição do Rock And Roll Hall of Fame aos quatro ‘alto-falantes’ do mundo. Mas apenas agora foi divulgado: o vocalista e guitarrista Dave Grohl e o baterista Taylor Hawkins, ambos do Foo Fighters, vão empossar o power trio **Rush** – honraria mais que merecida após quatro décadas de banda e relevância no cenário.



A PRIMEIRA ATERRISSAGEM DOS PAIS DO AOR

Quando o talento musical faz a diferença

Por Weslei Varjão (@weslei_varjao | weslei.varjão@gmail.com)

Vivemos em tempos em que boas vendas não significam qualidade musical. Porém, algumas décadas atrás a realidade era completamente diferente. Rostos bonitos não determinavam a vendagem ou mesmo a aparição de um grupo na mídia. Um excelente exemplo disso é o *debut* do Boston, banda estadunidense que possui o segundo disco de estreia mais vendido de todos os tempos – algo que apenas o fenômeno Guns N’ Roses pôde desbancar, com seu clássico Appetite For Destruction, de 1987.

Contudo, tal sucesso foi alcançado por existirem verdadeiros gênios por trás desta inigualável obra, tendo o maior destaque para o guitarrista Tom Scholz.

Engenheiro mecânico formado pelo MIT (em português, Instituto de Tecnologia de Massachusetts), fez parte de um grupo chamado Freehold, onde conheceu Barry Goudreau e Jim Masdea, os quais mais tarde fariam parte do Boston.

Após a conclusão de seu mestrado, ele conseguiu um emprego na Polaroid, onde usava seu salário para a construção de um estúdio de gravação no porão da sua casa e financiava as gravações de demos em estúdios profissionais, em que, na maioria das vezes, ele gravava todos os instrumentos, exceto a bateria.

Durante cinco anos, Scholz teve suas demos rejeitadas pelas gravadoras às quais ele oferecia, até que em 1975 a Epic Records se agradou do que ouviu, mas propõe a re-gravação de todas as músicas em um estúdio profissional, com o auxílio do produtor John Boylan. No entanto, o guitarrista bateu o pé, determinando que a gravação ocorresse em seus estúdios.

No final, todos os instrumentos foram gravados na casa dele e mixados com os vocais de Brad Delp nos estúdios Westlake Audio, em Los Angeles.

Além da genialidade de Scholz, Brad



Delp também se destaca com linhas vocais encantadoras, que muitas vezes enchem os ouvidos daqueles que tem o prazer de escutar essa obra-prima.

A dobradinha que inicia este disco é um ótimo apontamento disso. “More Than A Feeling” começa os trabalhos com um feeling extraordinário, onde somos presenteados com uma balada hard de respeito, em um verdadeiro duelo entre as guitarras incendiárias de Scholz contra os vocais encantadores de Delp, que farão os mais incautos se entregarem a este play logo de cara.

Em “Peace Of Mind”, é a vez de Delp roubar a atenção para si, com agudos incriveis e cristalinos, mostrando que não veio para brincadeira.

“Foreplay/Long-Time” é mais um ótimo exemplo da genialidade de Scholz. Composta por ele na época de faculdade, temos uma bela mistura entre o Rock Progressivo – tão em voga naquele momento – com o Hard Rock festeiro, que serviria de espelho para 11 entre cada dez bandas de AOR que surgiram posteriormente.

A fantástica “Rock And Roll Band” levanta até defunto: energética e com solos memoráveis. “Smokin” não deixa a peteca cair e, dessa vez, Scholz manda um baita solo no teclado, só pra atestar que ele estava disposto a roubar a cena de vez.

“Hitch a Ride” quebra um pouco o ritmo, algo que “Something About You” recupera, onde a banda volta a todo vapor para mais uma vez lembrar-nos que estamos diante de um dos grandes clássicos da história do Rock, que ainda conta com Barry Goudreau nas guitarras, Sib Hashian na bateria e Fran Sheehan, no baixo.

A balada “Let Take Me Home Tonight” finaliza os trabalhos e nos deixa uma certeza: estivemos por cerca de quarenta minutos diante de algo de outro mundo.

Não é a toa que a banda carregue consigo a alcunha de pais do AOR e tenha discos voadores na capa desse registro, datado de 1976.



**FUTEBOL, MULHER
E ROCK N ROLL**

**Segunda
Temporada**

**TODA 2ª, às 20:30
só na ROCK FREEDAY**

WWW.ROCKFREEDAY.COM.BR



KvllFist

ALEGRIA, ESPONTANEIDADE
E UM FUTURO PROMISSOR



Por Daniel Lima (@daniellimarm | daniel@rockmeeting.net)
Foto: Pei Fon (@poifang | peifang@rockmeeting.net)

Dia 17 de janeiro de 2013. Noite de quinta-feira na capital alagoana. O público não está acostumado a ir para shows que ocorrem durante a semana. Ainda há uma certa resistência das pessoas em comparecer em eventos que acontecem em dias “normais”. Muito embora, quem se aventurou a ir ao espetáculo dos canadenses do Skull Fist saiu com outra opinião. O ensejo mostrou que o público está disposto a comparecer em eventos deste naipe. As apresentações começaram com a banda alagoana Raiser, que já é bastante conhecida do público local – em breve, ela esta-

rá lançando seu primeiro *full-length*. A apresentação deles contou com músicas que estarão neste CD e alguns covers de bandas consagradas internacionalmente como Arch Enemy, Testament e Slayer. Um *setlist* curto, porém com bastante energia e agressividade, do começo ao fim. O show se encerrou com “World Of Sins”. Aproveitando a passagem da banda por Maceió, os caras do Skull Fist mostraram a que vieram. Um verdadeiro espetáculo para fãs de Metal – aqueles que não foram certamente ouviram os comentários dos amigos e devem ter ficado arrependidos.

O repertório variou entre os dois EP (“No False Metal” - 2006 e “Heavier Than Metal” - 2010) e o primeiro álbum da banda (“Head of the Pack” – 2011), além de alguns covers que completaram a noite. O Skull Fist já está na ativa há seis anos. **Animação** O público ficou bastante animado e estava o tempo inteiro respondendo às expectativas que qualquer banda almeja. Do lado de baixo, beirando o palco, todos já estavam ensandecidos à entrada dos garotos; sim, garotos do Skull Fist. Em pleno

auge da juventude, fazem sua primeira tour pelo Brasil e deixam marcas por onde passam. O último gig aconteceu no Rio de Janeiro, bastante ovacionados e o comentário era único: incríveis. A pouca idade não foi – nem é – problema para eles. O desempenho do palco foi outro ponto que chamou a atenção. Irreverentes, eles se divertiam e transmitiam para os expectadores que realmente estavam envolvidos nessa diversão toda. Enfim, foi uma verdadeira festa: pessoas alegres, som bem executado e o gostinho de quero mais. Que voltem!

Parahim



PARAHIM NETO
GUITARS & BACKING VOCAL

MAURIANO LUSTOSA
BASS & VOCALS

MARLO LUSTOSA
DRUMS

Parece que quando uma banda retorna após um hiato, a coisa toda engrena. E assim se fez com os gaúchos da Carniça, que lançaram dois ótimos registros em estúdio nos últimos dois anos.

A pretensão do agora trio é, até o final deste 2013, pôr nas prateleiras o DVD do show de lançamento do álbum “Nations of Few”, gravar um videoclipe e rumar cada vez mais às turnês fora do Brasil. Já foi dada a partida e *Rock Meeting* conversou com o grupo.

Por: Daniel Lima (@daniellimarm | daniel@rockmeeting.net)
Fotos: Wargods Press - Divulgação

Olá, pessoal! Primeiramente, apresentem-se para os nossos leitores. Quando a banda Carniça iniciou as atividades?

A Carniça surgiu no dia 21 de abril de 1991. Foi após uma jam em que Parahim [Neto, guitarra] e Marlo [Lustosa, bateria] se juntaram ao Mauriano [Lustosa, vocal e guitarra] e Márcio [Veeck, baixo]. Rolou química. Dias depois, fazíamos o primeiro ensaio com a primeira formação oficial da Carniça.

Muitos assuntos podem permear na parte sonora de uma banda. Quais temas a de vocês aborda em suas letras?

A Carniça geralmente tem em suas letras temas ligados à realidade mais podre do ser humano. Nosso nome não é à toa; gostamos de expor as vísceras, chocar para fazer as pessoas refletirem sobre algumas podridões escondidas e mascaradas, como a religião, a política e toda sorte de temas sociais envolvendo o “ser” humano. Todos visitados pelo prisma crítico, expondo sua “carniça”.

Vocês possuem três álbuns gravados e várias demos. Qual o motivo de um espaço tão longo entre o primeiro álbum (“Rotten Flesh”, de 1998) e o segundo (“Temple’s Fall... Time To Reborn”, de



2011)?

Condições de se gravar um bom trabalho. No início, tudo era muito difícil e gravar um álbum era uma tarefa muito delicada e custosa. Quando gravamos ‘Rotten Flesh’, já tínhamos um bom tempo de banda. Se considerarmos hoje, é muito tempo até se chegar ao primeiro álbum, mas nossa época era outra em termos de acesso a equipamentos. Após o debut, poderíamos ter gravado um álbum em menos tempo, mas aí a banda deu uma parada de quase cinco anos. Voltar à ativa exigiu da gente um período de amadurecimento do som, da organização. Quando isso aconteceu, o acesso mais fácil à tecnologia tornou tudo mais dinâmico e, então, estamos lançando



mais álbuns.

No álbum lançado em 2011, “Temple’s Fall... Time To Reborn”, rolou uma versão da música “Hell Awaits”, do Slayer. Fale um pouco sobre a escolha da música e como foi a resposta dos fãs com esta homenagem, digamos assim.

Em todos os nossos trabalhos, temos um cover – uma forma de homenagear nossos ídolos. Sempre tocamos um ou outro cover em nosso set list, então nada mais normal que tivéssemos um no álbum de retorno. No caso de ‘Hell Awaits’, além de sermos fãs de carteirinha do Slayer, a música era perfeita pra temática de ‘Temple’s Fall...’. A galera curtiu bastante nossa versão, e, a nosso ver,

ficou muito boa mesmo, pois demos o sangue pra honrar este som, que é um clássico do Metal.

A capa do “Temple’s Fall...” foi feita por Anderson Neves. Ele também foi autor das outras capas, inclusive dessa última do “Nations of Few”, álbum de 2012? Como acontece a escolha para a arte?

O Anderson é um artista renomado internacionalmente. O Marlo fez o contato com ele em 2011 e rolou uma química entre nós. Passamos a ideia para capa de ‘Temple’s Fall...’, que criamos juntos e ele pirou em cima. Para ‘Nations of Few’, nossa premissa foi manter a identidade visual com o álbum



anterior, então a escolha do Anderson era quase óbvia. Pensamos na ideia da ilustração em cima do tema e passamos pra ele, que novamente curtiu muito o desafio. Já a arte de ‘Rotten Flesh’, foi feita pelo Parahim, a partir de uma imagem chocante.

O que o álbum “Nations of Few” trouxe de diferente dos anteriores?

É um álbum com a sonoridade da banda. Já escutou uma banda que se parece com o Carniça ou vice-versa? É difícil, correto?! Pois bem, o álbum soa como um trabalho Carniça, mas está mais direto, mais agressivo, mais vil. Achemos o resultado final mais

powertrio [agora a banda conta com Mauriano, Parahim e Marlo], com as composições contemplando a execução ao vivo. Existem arranjos, claro, mas parecem mais crus, mais true, como gostam de nos referenciar. O processo de gravação é que foi mais diferente, até porque nos permitimos evoluir, a criar em meio ao processo da gravação, compondo em estúdio mesmo. Nos álbuns anteriores, tínhamos os sons ensaiados todos. O resultado disso é uma objetividade nas músicas que enalteceu a agressividade.

Claudio David, que é guitarrista do Overdose, participou da faixa “Prayers

Before the Death” no último álbum lançado e também do show de lançamento. Como foi a experiência de ter uma lenda do Metal Brasileiro participando de momentos tão especiais como estes?

Sem palavras! O Claudio, além de um guitarrista virtuosíssimo, sem exagero, um dos nomes mais respeitáveis do Rock/Heavy Metal brasileiro, é uma pessoa muito especial. Um cara de caráter e de uma educação ímpares. Fizemos o contato virtualmente e tivemos abertura dele. Depois, a negociação foi evoluindo e, mesmo com o Claudio não tocando oficialmente há alguns anos, conseguimos a participação dele no álbum. Com o

resultado positivo, foi fácil convencê-lo a vir se apresentar com a gente no lançamento do álbum. [O espetáculo foi em Novo Hamburgo, cidade natal do trio.] Foi o ponto mais alto da nossa carreira contar com ele no disco. No show, não sabemos se os headbangers se deram conta, mas foi um evento único para a cena no Rio Grande do Sul.

Como está sendo o feedback dos fãs com a banda, com relação ao álbum “Nations Of Few”?

A receptividade tem sido incrível! Recentemente abrimos pro Destruction, em Porto Alegre, e pudemos ver as músicas do



álbum funcionando ao vivo. Deu pra ver que estão pegando e isso é ótimo! Os fãs parecem ter entendido nossa abordagem em cima da política, sem demagogias. Além disso, o disco está sendo muito bem vendido pelos canais da banda e estamos apenas no começo. A distribuição da Voice também deve ser ponto forte na divulgação de 'Nations of Few', com maior cobertura do que teve 'Temple's Fall...'.
Saindo um pouco da música e indo para a divulgação. A tecnologia vem avançando e tornando mais fácil a gravação de álbuns nos Home Stúdios, principalmente das bandas independentes. Vocês utilizam esse meio para compor

ou iniciar as gravações dos álbuns?

Claro! Nós possuímos um Professional Home Studio (risos). É uma estrutura que não se compara a um estúdio profissional, mas que conta com bons equipamentos e em épocas de gravação com o apoio dos nossos endorses. A vantagem disso é bandeira livre nas gravações e a intervenção direta em mixagens, podendo se chegar aonde se quer mais facilmente. Nossos últimos dois discos foram feitos aqui e os outros serão também.

De que maneira as facilidades da internet ajudaram a divulgar a banda?

Ajuda de todas as maneiras. A internet trouxe a globalização a um clique em qual-

quer lugar do mundo. Óbvio que junto veio uma oferta cada vez maior no mercado, mas seu poder de alcance torna as coisas muito possíveis às bandas, com ferramentas de divulgação inimagináveis antigamente. Basta saber aproveitar. Banda independente nunca viveu de música e muito menos de venda de CDs. Logo, a internet só ajudou este tipo de conceito.

Já fizeram alguma turnê internacional? E no Brasil, por onde já passaram?

Sim. Tocamos na Argentina ano passado, uma minitour experimental, e agora, em maio, provavelmente estaremos voltando. Já estivemos no Paraná e em Brasília também no ano passado, em shows muito legais, que abriram

portas. Neste 2013, estamos fechando datas na Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo.

Para finalizar, ano de 2013 já iniciou e quais são as expectativas do grupo?

Sucesso, força e coragem! É o que move a banda e é o que queremos levar adiante sempre em todos os projetos, como divulgar ao máximo o 'Nations of Few', lançar o DVD do show de lançamento do mesmo, gravar um videoclipe até o fim do ano. Queremos muito ampliar o trabalho e a divulgação de 'Nations of Few', pois acreditamos que ele deva ser ouvido. Agradecemos o apoio, a oportunidade e amizade de todos. Valeu!

THRASH 'TILL DEATH

Texto e foto: Pei Fon (@poifang | peifang@rockmeeting.net)

A turnê brasileira de 30 anos do Destruction passou pela cidade de Recife, em uma noite onde a destruição foi levada muito a sério.

Não será uma tarefa das mais fáceis descrever o que foi o show do Destruction no Recife. Sábado, 26 de janeiro, um calor daqueles que todo nordestino já está “acostumado”. “Hellcife” já tem lá sua fama e o Sport Clube do Recife foi um pedacinho do inferno com a banda alemã de Thrash Metal Destruction, destruindo tudo.

Aos fãs mais sedentos, a noite iniciou com a banda Uncivilized (PE) com seu Epic Death Metal. Tocando as músicas de seu primeiro álbum “Destination”, aos que aguardavam, o show foi bem recebido e a galera respondeu as investidas do frontman Sandro Augusto.

Fragilidade

Um ponto lamentável do show foi a fragilidade da grade que separava o público do palco. Era um espaço de menos de 1 metro de distância e mais 1 metro de espaço vazio no palco, mas que apontou o quanto não era adequado para aquele local. O piso do espaço do show era de taco (madeira). Esse tipo de piso desliza bastante e a grade de ferro não tinha como ficar no lugar.

O Sport Clube do Recife era enorme e, talvez, não havia necessidade de haver tamanha euforia, havia espaço suficiente, porém,





como todo fã, quer ficar o mais próximo do seu ídolo. Com o Destruction não seria diferente.

Um pouco antes do show, essa que vos escreve, já alertava ao segurança que a grade cederia com o passar do show. Apontei o que estava acontecendo antes mesmo de o show ter começado. Os roadies ainda arrumavam o palco e a grade já apontava indícios que não ficaria muito tempo ali. Dito e feito.

Na primeira vez que a grade caiu, muitos tentaram subir ao palco e foram contidos por um dos quatro seguranças que ilusoriamente ainda seguravam a grade. Lá pela quarta música, a grade caiu de vez e muitos subiram ao palco para chegar junto de Marcel Schimier, *frontman* do Destruction. Dois tiveram sorte: um tentou uma foto e o outro só abraçou. Ambos contidos pelos seguranças.

Schimier chamou a atenção da queda/ invasão do público insano, viu que não tinha

jeito, que os dez seguranças, sim, dez, não iam colocar as pessoas de volta ao seu lugar. O *frontman* viu a situação, pediu até para a galera se afastar, em inglês, mas alguém ali ouviu/entendeu o que ele falou? Não. Schimier, então, pediu para deixasse assim mesmo e foi ovacionado por todos. Após o incidente, os dez seguranças continuaram no palco para tentar apaziguar os ânimos. Ledo engano! Acredito que este foi o dia que eles mais tiveram trabalho.

Mas vamos falar de coisa boa, né?

SHOW

O público foi chegando aos poucos, caravanas e mais caravanas de cidades próximas foram se misturando ao mesmo objetivo: ver o Destruction. Todos vestidos a caráter, foi um desfile de estilos e camisas de banda. Gerações e gerações ali presentes: dos mais

velhos aos mais novos sob o mesmo intuito. Havia até crianças no local para celebrar o melhor do Thrash Metal mundial.

Uma das bandas da tríade do Thrash alemão faria o seu segundo show da turnê “Spiritual Genocide: 30 Years of Total Destruction” no Brasil, que seguiu por Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Catanduva e São Paulo.

O Show foi iniciado por “Thrash Till Death”, considerado a música que representa a banda, e não poderia iniciar de modo mais enérgico! Como o significado da música já dita: “Thrash até a morte”. Não houve mortes, claro e óbvio, mas houve alguns feridos: os que não puderam estar presente.

Embalados pelos *riffs* mais instigantes, o público respondeu a altura, até em demasia. Um enorme circlepit foi criado e quem estava ali dentro não era para brincadeira: total destruction.

Na sequência, foram tocadas: “Spiritual Genocide” (faixa título da tour e do novo álbum), “Nailed to the Cross” (momento em que a grade caiu pela primeira vez), “Satan’s Vengeance”, “Mad Butcher”, “Carnivore”, “Eternal Ban”, “Life without sense”, “Death trap”, “Cyanide”, “The Antchrist”, Drum solo + “Tormentor”, “Hate is my fuel”, “Butcher Strikes Back”, “Bestial Invasion” e “Curse the Gods” finalizando a apresentação.

Como a turnê é em comemoração aos 30 anos da banda, até foi catado parabéns e um bolo surgiu do backstage. Preto, claro, com uma caveira enorme sobre ele, e em uma das laterais, escrito em amarelo, o nome da banda. Preciso dizer mais alguma coisa? Acho que não. Quem foi, pode presenciar um show incrível. 2013 começando muito bem!

E parafraseando os dizeres de Schimier: “Tivemos dois show no Chile e no Peru, foram legais, mas no Brasil é muito melhor!”.



Matanza

NOS RODEIOS DAS ESTRADAS

A banda Matanza roda o país buscando a vibração necessária para continuar com as rédeas sempre para frente e no caminho certo

Por Breno Airan (@brenoairan | breno@rockmeeting.net)

Fotos: Pei Fon (@poifang | peifang@rockmeeting.net)

Com seis discos na bagagem, a banda carioca de Countrycore mais conhecida do Brasil sai outra uma vez em turnê.

O Matanza, que tem Jimmy London nos vocais, Maurício Nogueira e Marco Donida nas guitarras – este último, muito embora, não sai em tours –, China nas linhas de baixo e Jonas nas baquetas, acabou de lançar no final do ano passado um novo trabalho, o fabuloso e direto “Thunder Dope”.

Não tão novo assim, já que há canções do começo da carreira do grupo, lá pelos idos de 1996. Seria, então, uma volta às raízes, sempre com o esmero de levar o melhor possível para seu público; o que parece ser especialidade do quarteto.

Rock Meeting - Na ativa desde '96, como é figurar em turnês por um Brasil tão culturalmente misto?

Maurício Nogueira - Cara, é uma coisa muito legal... O Brasil tem muitas particularidades em suas regiões, mas a galera que gosta do Matanza é muito parecida. Todo mundo gosta de beber, de música alta, de churrasco, de se divertir. É muito legal que isso ocorra, pois sabemos que os costumes são diferentes. Também é bom pra gente, porque a nossa música chega em todos os lugares e todo mundo entende.

Nos intervalos de uma cidade pra outra, o quarteto acaba aproveitando para entrar em contato com a cultura local ou vocês ficam mais escusos, descansando?

Infelizmente, é raro termos tempo pra conhecer a cidade... Normalmente, é tudo muito corrido – tem soundcheck e toda a preparação para o show. E, geralmente, descansamos um pouco, senão a gente morre no palco (risos). E, quem pagou, merece ver o melhor espetáculo possível... Então, é melhor a gente se preservar um pouco antes dos shows.

Essa coisa de turnê é sempre complicada. Há sempre um endeusamento na coisa, mas é bem estressante. Como lidar com viagens e mais viagens? O público é a real recompensa?

Claro, todo mundo pensa que é maior glamour o lance, mas a parte das viagens é realmente chata. Esse lance de aeroporto, tudo enche o saco: atrasos, bagunça, prejuízos com quebras de instrumentos, muito sono (risos). Mas, como te disse na resposta anterior, por isso que preferimos descansar... Para que a galera que está no show veja algo bom, algo que faça ela sair de casa, gastar a grana dela e poder ficar ali numa boa e, cara, sempre compensa tocar! É muito bom! É olhar a galera, o quanto eles ficam felizes... Isso já faz tudo valer a pena!



Falando em tour, há uma metáfora interessante para isso. Talvez eu tenha lido em algum artigo sobre o Jack Kerouac, algo como que a estrada leva a gente sempre pra algum outro ponto; é sempre uma evolução. Em que vocês cresceram?

A gente tá nessa há tempos já. Então, a estrada tem suas histórias, tem suas lendas e, no começo, você faz tudo que acha que rola. Aquelas imagens que você tem na cabeça de sexo, drogas e Rock N' Roll... Daí, depois de um certo tempo, você começa a dar valor ao trabalho e se lembra que está lá pra tocar. É normal você se render a umas coisas, mas, pra mim, isso já foi... Hoje, a estrada é onde eu tiro meu sustento e da minha família; é meu trabalho e não dá pra trabalhar zoadado todo dia (risos).

O interessante na banda de vocês é que a atitude, o som e a amizade não mudam com o passar dos anos. Como você vê isso?

Já estamos ficando velhos e experientes, então fica muito mais fácil administrar isso. Todo mundo tem sua responsabilidade e sabe o que fazer; não tem frescura. A parada é ser direto e fazer o outro chorar na rampa, se precisar... Basicamente, a gente sabe como é o lance!

Ouvi dizer que no disco anterior, o Matanza gravou o material em fitas de rolo, sem interferência digital. E esse, como se deu? Quem o produziu, o Rafael Ramos também?

Esse foi mais de boa, gravado no Pro Tools, com o Rafael produzindo, sim. A gravação foi bem rápida - como o outro. Acho que não é preciso ficar meses no estúdio. Foi ali: 1, 2, 3,



4... e vamo embora! Isso deixa o disco espontâneo e muito mais real, porque tá cheio de música falsa por aí...

O Matanza demorou cinco anos para fazer o “Odiosa Natureza Humana”. Por que esse saiu mais rápido? Ele realmente é mais cru.

Na época do “Odiosa...”, as coisas estavam meio enroladas – eu tinha acabado de entrar na banda. O Donida estava meio cansado e fomos trabalhando na estrada, tocando e mantendo todo mundo bêbado. Assim que ele conseguiu fazer os sons e voltar ao trabalho, tudo foi rolando normal e esse álbum novo, como é um projeto, saiu mais rápido porque hoje não dá pra ficar mais cinco anos sem produto algum. O mercado atual é dinâmico; tem que ter coisa nova logo e, como tínhamos esse esquema dessas músicas, foi a hora certa pro trampo sair.

As músicas desse novo trabalho, na verdade, não são essencialmente no-

vas, não é? É um apanhado do começo da carreira de vocês?

Isso, músicas de demo tapes. Algumas que nunca foram gravadas... Reunimos tudo, regravamos e tá aí.

Ele, o novo play de vocês, também será lançado em vinil?

Por enquanto, não.

Algumas canções de “Thunder Dope” são em inglês. O que você acha de bandas novas que primam por essa língua? Não seria interessante tentar algo em nosso idioma, como vocês, a Carro Bomba, o Baranga e a Madame Saatan, por exemplo, o fazem?

Cada um sabe o que faz.

Você acaba tendo mais visibilidade lá fora ao cantar em inglês, afinal.

Nem temos essa pretensão... Essas músicas mais antigas da banda têm, como contexto,



o country, essas paradas. Não foi pra tocar lá fora...

Esse é o segundo baixista e o terceiro cara a ocupar as baquetas. OK. Mas qual a importância do Marco Donida em toda a carreira do Matanza?

Ele é “o” Matanza! As letras, músicas vêm todas da cabeça doente dele (risos).

Para mostrar como se faz, vocês, decerto, continuam suando sangue no palco? A energia que o Matanza transmite nos shows é a mesma que volta ao quarteto?

Nem dá pra ser diferente ali! É tudo direto e reto. Se a galera for ‘bunda mole’, nós tentamos fazer a energia atingi-la da melhor maneira. Se a galera for porradaria, daí é só deixar rolar, pois a gente sabe o que faz no palco e sabemos o que o público é capaz de fazer...

As letras transbordam pelo copo ou vocês têm todo um roteiro de criação? Do que mais gostam de falar, além da infeliz condição humana de achar que é a última – e mais importante – espécie do planeta?

O Donida tem uma cabeça com todo esse roteiro do Matanza, que trata de bebuns de faroeste e de coisas que todo mundo sabe que existe por aí e ninguém fala nada, que é a podridão do ser humano. E ele escreve com uma classe e vocabulário... É por isso que tem um monte de gente que não entende certas ironias em nossas letras!

Você crê que é isso que falta um pouco nessas bandas coloridas? Falar do que nos indigna? Essas crianças precisam ler mais Bukowski.

E escutar mais Motorhead, Slayer... (risos).

Aproveitando a deixa, como vê o cenário roquístico atual no país? Há muita coisa boa escondida, mas...

Cara, há ótimas bandas por aí, mas não vejo muita coisa nova interessante tanto lá fora como aqui. No Brasil, existem as bandas que gostamos, como Ratos de Porão, Krisiun, Ação Direta e Hillbily Hellride. Essas são ótimas, mas não são tão novas, né?

Depois de as rádios fecharem as portas pra banda no começo, como vocês as veem hoje? É muito difícil se ouvir música boa nelas, não acha? Parece o truísmo: “quanto mais abrangente for, menor a qualidade”.

Hoje em dia, acho que rádio é um lance que a gente ouve sem prestar atenção, sabe? Hoje, na internet, tá muito mais fácil de você garimpar música boa. Não precisamos do rádio pra isso!

O Rock, ao contrário de tantos diagnósticos e laudos periciais falhos de falsos profetas e críticos meia-boca, está aí para provar que quem quer coisa boa, sabe onde procurar. Você vê a internet como um alento para os jovens roqueiros?

Pra tudo né, meu! Pra música, pra divulgação e até pra gravação tá tudo mais fácil hoje! É lógico que não tem mais a magia que havia antes, mas, cara, tá tudo aí na cara de todo mundo... É só saber o que quer...

Qual o contato da banda com esse pessoal da web?

Cara, não dá pra não conviver com isso... Estamos sempre lá falando com o povo, fazendo

promoções no site, nos shows... Tentamos ao máximo fazer essa ferramenta nos ajudar.

Atualmente, já se consideram uma banda no patamar de um Ratos de Porão ou um Sepultura?

Cara, não penso nisso... Acho que estamos crescendo, porque trabalhamos muito. Agora, essas coisas de patamar aí, deixa pra molecada discutir...

E que história cabeluda é essa de Matanza Fest? Vai rolar mais edições onde e quando? E, claro, de onde veio essa ideia?

Cara, fizemos o Matanza Fest pra que todo mundo possa ver um show com um monte de bandas boas, com som e luz profissional, horário legal e tudo possível pra fazer a galera

se divertir. Estamos cansados de produção de show ‘sem boca’ (nem meia-boca é), daí resolvemos, nós mesmos, produzir esses espetáculos e foram todos bons. Um belo começo e, com certeza, vai continuar; mais adiante, teremos novidades.

De oitiva, soube que o senhor Jimmy parou de beber... apenas um boato infundado? Ou realmente entrou pro time do Zakk Wylde, dos enormes-barbados-sóbrios-do-Rock?

O Jimmy já não bebe desde que eu entrei pra banda e isso já faz uns cinco anos...

É verdade que o nome “Bonanza” chegou a ser cogitado para o grupo? Como vocês delimitaram o estilo? Todos vocês curtem as mesmas coisas, musical-

mente falando?

Nunca escutei nada disso... dessas histórias antigas pouco falamos, mas acho que não rolaria, já que esse nome tem direitos autorais daquele seriado western, tão velho quando a gente (risos).

Quais as suas principais influências, no âmbito da música?

Ah, o de sempre, né? Motörhead, Slayer, Johnny Cash, Willie Nelson, algumas coisas de Metal, Hardcore, Punk...

Com essa moda toda de tocar álbuns na íntegra ao vivo, chegaram a pensar em fazer o mesmo com algum dos seus? Quase um “10 anos de ‘Músicas Para Beber e Brigar’ Tour”... Será que colaria?



Quem sabe talvez role algo nesse sentindo, sim... Mas não dá pra adiantar muita coisa; estamos só conversando...

Em três palavras, diga o que acha do mercado fonográfico brasileiro, dando mais valor a cantores e bandas engomadas.

Tô nem aí... (risos).

Que mensagem você poderia deixar pro público de Maceió? Vocês não vinham

pra cá há o quê... uns quatro anos? Do que se lembra daquela oportunidade em que estavam num mesmo evento que Angra e Sepultura tocaram?

Bem, o show aí [no dia 18 de janeiro] foi muito foda como sempre e esperamos não demorar mais quatro anos pra voltar! Aquele show antigo foi foda também; nem tocamos no palco principal e isso foi muito bom, pois ficamos de frente pra galera e vimos que Maceió tem os 'camisas pretas' mais foda!!!



ROCK MEETING (c) Pei Fon

Matanza levou centenas de pessoas para o Orákulo Chopperia, no que se pode dizer que foi uma invasão de fãs.

Texto e fotos: Pei Fon (@poifang | peifang@rockmeeting.net)

O show marcado para a sexta-feira, 18, só começou no sábado, 19, para os mais metódicos, só querendo ser um pouco chata. Era para ter começado às 23h, a banda chegou ao local do evento meia hora depois do horário previsto no cartaz, como em Maceió alguns poucos são pontuais, esta prática já virou rotina.

O Orákulo Chopperia estava lotado, fãs das mais variadas idades. Pode-se afirmar que os fãs mais antigos já nem se incomodam em ficar na grade, já os mais recentes fãs se amontoam na grade na busca da melhor visão. Na física, dois corpos não podem dividir o mesmo espaço, é porque Newton nunca foi a um show. Para tanto, assistir ao show um pouco mais de longe, com um pouco mais de comodidade é uma prática rotineira entre os mais “veteranos”, não me levem a mal.

O público da linha de frente, que se espremiavam na grade, na sua maioria, eram adolescentes ou saindo desta fase da vida. Muitos, talvez, nunca tinham ido a um show de verdade, e se sentiram os próprios naquele momento.

Parece uma história de um fã muito mais velho que vê que os mais novos estão curtindo a banda que um dia já curtira com mais paixão. A idade não permite mais estripulias como antigamente, só quando é aquela banda do coração e olhe lá. Mas vamos falar de coisa boa? Não, não é sobre a câmera mais

vendida no Brasil, mas do show que foi o Matanza em Maceió.

SHOW

Os roadies não podiam afinar os instrumentos, para ver se estava tudo correto, que a galera já gritava loucamente: MA-TAN-ZA, MA-TAN-ZA... Como sempre, foi preciso esperar um pouco para que o show acontecesse, tudo por conta dos maus costumes.

Pois bem, as cortinas foram abertas, os olhos daqueles fãs brilhavam por saber que a partir daquele momento começara o show que tanto esperavam. A banda ocupava o seu lugar,



a introdução fora iniciada e Jimmy London, frontman, surge para delírio de todos.

Simpático, sarcástico, divertido, cara de mau... Este e outros atributos que faz de Jimmy ser tão adorado por onde passa. Com “Remédios demais”, o Matanza iniciara o show. Uma porrada de Hardcore foram sucessivamente tocadas: “Ressaca sem fim”, “Interceptor V6”, “Ela não me perdoou”, “Santa Madre Cassino”, “Odiosa natureza humana”, “A arte do insulto”, “O chamado do bar”, “Ela roubou meu caminhão”, “Estamos todos bêbados” e “Bom é quando faz mal” foram algumas tocadas na noite. O show durou quase duas horas, é pouco ou quer mais? Preciso mesmo perguntar?

Em muitos momentos, Jimmy brincava com seus companheiros de banda e em um desses momentos, China, o baixista, largou seu instrumento. Jimmy assumiu as quatro cordas e não fez feio. Até arriscou um instrumental com seus colegas. Mas bora lá, o seu melhor é cantar, resenhar e insultar.

Em falar em insulto, Jimmy descarregou parte destes insultos. E como a própria música deles fala: “Enquanto você fica aí arrumando tumulto, eu vou me aprimorando na arte do insulto”. Acredito que muitos levaram isso muito a sério e insultavam de volta o frontman, ele não se incomodou em nada, porque “bom é quando faz mal”.

Finalizando a noite, a banda alagoana Autopse selou com chave de ouro esta noite memorável. Aos que ficaram até o final, puderam conhecer/rever a banda que está ganhando destaque fora do estado. Assumido por Dani Serafim nos vocais, a banda se prepara para tocar no Palco do Rock em Salvador.



ROCK MEETING

R E V I E W



NECRONOMICON

POR BRENO AIRAN

A tarefa escabrosa designada a Cornelius IV, um matador de aluguel daqueles que só precisa ter uma fotografia em mãos, parecia realmente algo que estava ao seu alcance: matar o que não pode morrer.

Seu dever era exterminar a Rainha da Morte, tendo um Sol avermelhado como a testemunha máxima do planeta Yamoth.

É nesse contexto que se insere o som da banda alagoana Necronomicon, um dos maiores petardos, com sinceridade, do Rock nacional.

O power trio cinge a todos os seus ouvintes com sua aura soturna. Essa é a palavra. O conceitual “The Queen of Death”, lançado em setembro de 2012, é baseado no conto de mesmo nome, criado pelo frontman Pedro Ivo Araújo, fã ululante do mestre da literatura fantástica H.P. Lovecraft.

Alegoricamente, o play faz jus ao clima criado pelo texto adaptado por belos solfejos de Pedro Ivo, que canta e toca baixo, órgão, piano, cravo e sintetizadores.

Acompanhando-o na cozinha, Thiago Alef, com uma pegada fundamental por trás de seus óculos. Nas seis cordas, Lillian Lessa abusa – e muito bem, diga-se de passagem – de seu pedal wah-wah.

Logo de cara, o segundo álbum da Ne-

cronomicon abre com “Holy Planet Yamoth” numa superfície pantanosa, escondendo o que está por baixo; o que está por vir, de fato.

“The Assassin’s Song” alterna cadência e versatilidade, bradando que Cornelius IV “estará lá” – ainda que sob efeito da droga KME – para matar a Rainha da Morte, cultuada por todos na galáxia.

A terceira canção “The Black Priest of Chaos”, em seus sete minutos, assinala definitivamente as influências do trio em bandas como Coven, Pentagram, Black Sabbath e, claro, Atomic Rooster.

Os sintetizadores ganham vez em “Dreaming of the Old Ones” numa bela passagem, arremetendo-nos aos pesadelos que Cornelius IV revive todas as noites.

O clímax do *full-length* chega em “Hypnotic Overdrive Machine” e “The Queen of Death”, fechando os trabalhos com primor.

Com efeito, a leviandade humana diante do desconhecido é relatada num dos mais apurados registros da era em que os críticos meia-boca insistem em dizer que o Rock está ruindo.

O Doom, o Prog e o Psych desta Rainha da Morte estão muito vivos neste fabuloso trabalho. Afinal, como algo que não morre pode esmorecer?



BAZTIAN

POR JOÃO MARCELO CRUZ

Atualmente considero a Baztian, uma das bandas mais legais aqui de Alagoas. O som que os caras fazem não é necessariamente algo muito novo, mas ao mesmo tempo, é. Principalmente, tendo em vista que a diversidade sonora não é bem o forte da nossa terra (Alagoas). No exterior, você até escuta algo nessa linha, mas de qualquer forma, a Baztian me passa uma identidade, sua personalidade.

É um mistura muito doida. E acho que nem vale a pena cair em comparações. Sei lá, acho que Alagoas ganhou um representante bem autêntico, com capacidade e som pra tocar em qualquer palco ou festival do Brasil e resto do mundo também. Veja, isso não é pura ‘rasgação’ de seda, só estou dizendo que a banda já tem e mostra todo o potencial de uma banda como qualquer outra dessas que a tal ‘mídia especializada’ faz estardalhaço.

É uma banda nova: a primeira vez que eu vi o show deles foi em 2010. O projeto da banda é um pouquinho mais antigo, mas foi somente em 2010 que a banda se firmou com a formação atual: Alcy Vergetti (Baixo), Caíque Guimarães (Guitarra e Voz) e Rodolfo Lima (Bateria e backing vocals).

Ali, de cara, eu já achei a banda legal. No entanto, pelo que me lembro, 2011 não foi um ano muito produtivo para eles. Cheguei até a lamentar e temer pelo fim da banda porque os caras não eram tão ativos quanto eu gostaria.

Mas em 2012 foi diferente. Já houve um considerável aumento no ritmo de shows. Eles tocaram fora, em festivais, fizeram mini tournê e, o mais legal, finalmente lançaram seu primeiro registro: o EP ‘You Lovely Giant’ (Popfuzz-records 2012).

Então, finalmente, falando do som... A grosso modo, como eles mesmos dizem, o som deles está em algum lugar entre o grunge e o emo* lá dos anos 90. Vai de Dinosaur Jr à Jawbreaker, de Cap’n Jazz à Farside. São muitas as influências na banda, os rapazes têm uma vivência boa. Falando nisso, acho que a experiência e amizade dos caras contribuem muito nessa hora. Todos já tocavam antes e já tiveram outras bandas, então, facilita bastante.

Gosto bastante do vocal do Caíque, horas sussurrado, horas gritado, como se cuspsse tudo que tem de ruim por dentro. Bem visceral, como todo bom emo deve ser. Rodolfo também tá se garantindo na bateria, uma evolução e uma segurança massa; e, pra fechar o trio, Alcyr também quebra nas quatro cordas, usa umas linhas e distorções que fazem dispensar a necessidade de uma segunda guitarra.

Bom é isso, o EP deles está disponível aí gratuitamente, vá à caça e confira uma das melhores bandas que Maceió possui atualmente. Sei que logo mais eles vão lançar seu primeiro videoclipe. Então fica atento aí!



MORFOLK


POR DANIEL LIMA

Brasil, o país onde o Death Metal mostra seu poder e derruba o mito do país do Carnaval. Morfolk é uma prova que isso é verdade no EP lançado em dezembro de 2012, chamado Prelude. A banda é formada por Walter Romulo (Vocal), Reinaldo “Tio” e Gabriel Grisolia (guitarra), Ryan Roskowski (baixo) e Daniel Sanchez (Bateria).

Com mais de 20 anos de estrada, eles lançaram este EP com três faixas de puro Death Metal. “Hate Beyond the Pain” dá o ponta pé inicial com maestria, destacando a segunda música que se chama “Bloodlust”. Ela é simplesmente fantástica e, assim como as outras duas, a variação rítmica é notória. Algo que não torna o seguimento chato e re-

petitivo, já que todos os instrumentos foram bastante explorados e trabalhados da melhor forma. “W.W.W. (World Wide War)” encerra a trilogia Death Metal do “Prelude” com mais uma aula de como fazer o público bater cabeça e, quando menos se espera, está formado o circle pit.

Um excelente lançamento que você pode baixar sem custo nenhum, é a modernidade ajudando na divulgação das bandas. Uma verdadeira tapa na orelha do cidadão que perde o juízo e chama os amigos para fazer um circle pit na sala de casa, deixando aqueles que não sabem o que é pensando que é uma briga generalizada.



“Levante livre e simultâneo de diversos indivíduos, bandas, coletivos, interessados em resgatar o espírito ativo da cena independente. Durante os três primeiros meses do ano, pelo menos uma vez por mês nos núcleos locais, organizam-se eventos livres que combinam shows, feiras de zines, oficinas, tudo relacionado ao nome do levante para demonstrar a atitude comum e a força dos que resistem em prol desse objetivo em diversas cidades do País, que tem como principal objetivo ofertar não só a música punk, como também sua cultura em formatos que ultrapassam os tradicionais eventos onde só a música tem vez. E o mais legal, o evento é gratuito, contando apenas com arrecadação de dinheiro voluntário”.

Texto e Fotos: João Marcelo Cruz (@jota_m | contato@rockmeeting.net)

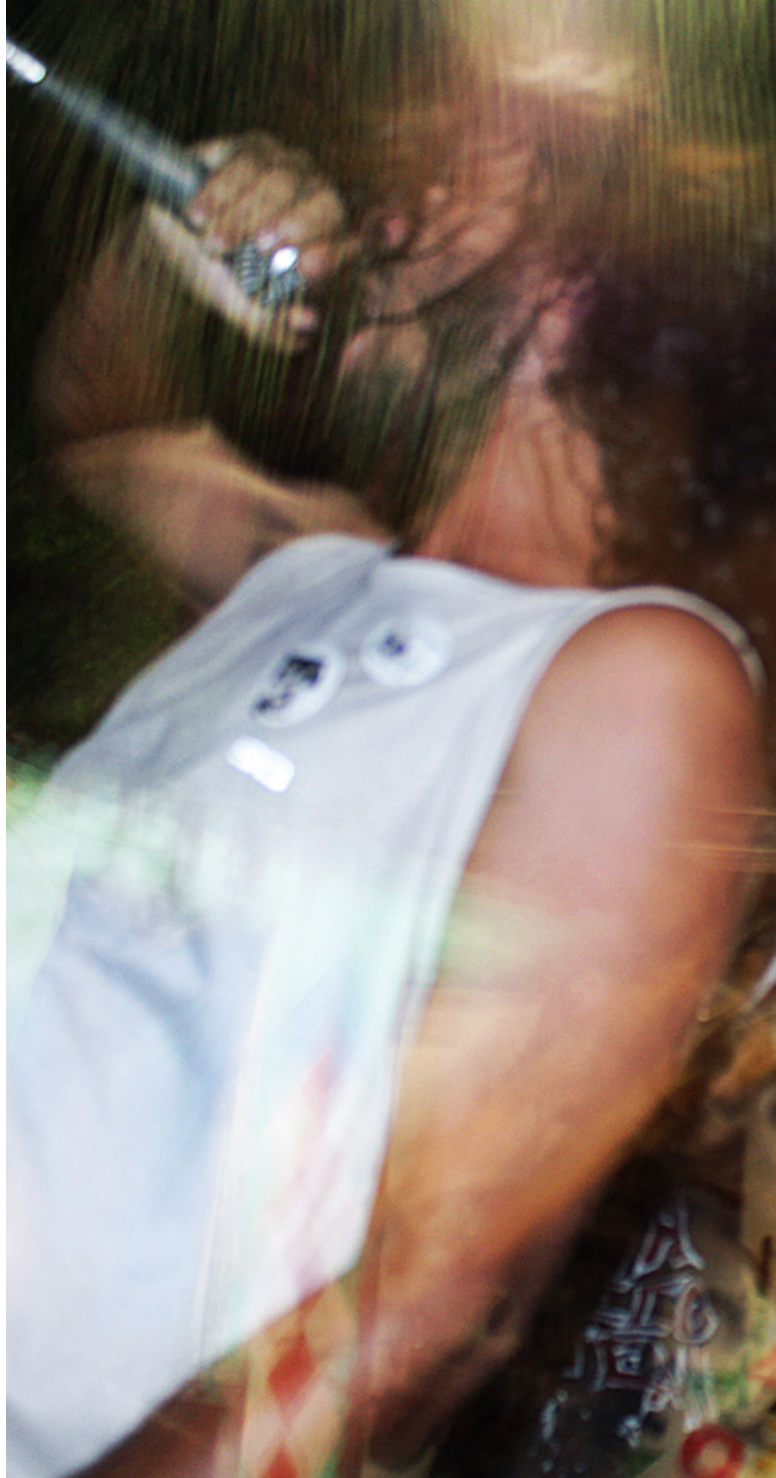
Sempre contando com o apoio do pessoal do Quintal Cultural, Luiz Rios (blog Sirva-se.net), juntamente com Sandney Farias (Misanthropia) e outros amigos, botaram as mãos na massa e fizeram acontecer.

Desta vez as bandas que deram o ar da graça foram os grupos: Comendo Lixo (Delmiro Goulveia) e Bico de Corvo. Como atividade 'extraclasse', foi exibido o documentário AfroPunk, que aborda a inserção dos negros em um ambiente predominantemente branco.

Na minha opinião, o documentário aborda um tema interessante e até inconveniente, digamos assim. A intenção é boa, mas achei que o documentário acabou se focando apenas em uma determinada cena/eixo, sendo que poderia ter sido mais abrangente. Acho que a presença de personalidades mais influentes e um roteiro melhor poderia ter ajudado.

Logo após o documentário, a Bico de Corvo rapidamente se colocou a postos para começar a disseminar seu punk rock crossover. Essa foi a primeira apresentação que vi deles, acredito que seja uma banda nova ainda. Apesar da agressividade sonora, o quarteto estava aparentemente tímido. Com mais alguns ensaios e shows, vão ter segurança e presença de palco. No geral, foi bem legal conhecer o som da Bico de Corvo. O repertório foi rápido e contou com alguns covers, como Ratos de Porão e Lobotomia, que fez a galera se instigar.

Na sequência, a galera de Delmiro Gouveia tratou de encerrar o evento com uma apresentação pra lá de energética. Os caras estavam bem instigados e desceram a lenha. A pegada da banda é bem punk hardcore anos 80, na pegada das bandas dos clássicos 'Grito Suburbano' e 'SUB'. Com muitas palavras



de ordem e um notável engajamento político, Reinaldo (voz) cuspiu todo seu repúdio à sociedade capitalista em músicas de três acordes e poucos minutos. Covers de Garotos Podres e Karne Krua também fizeram o público se animar.

Tendo basicamente as mesmas influências, a casadinha das duas bandas caiu como uma luva. O evento foi uma ótima oportunidade para conhecer o som desses caras e espero ver mais vezes essas bandas disseminando o caos! E assim foi mais um dia de punkrock em toda sua essência!



ANDRE MATOS

Pei Fon (@poifang | peifang@rockmeeting.net)

Faz um bom tempo que não escuto Metal. Estive na minha fase mais calminha e Pop.

Como bem sabem, desde as últimas publicações, não tenho escutado nada relacionado ao Metal, descobrindo novas sonoridades e embarcando de cabeça nelas.

O ano de 2013 não começou bem no estilo, mas uma vontade louca de escutar Andre Matos se apoderou de mim.

Bom, quem ousa falar de Andre Matos? Para falar dele, é preciso ter argumentos consideráveis.

Cara, estou falando de um dos melhores vocalistas de Heavy Metal do mundo, sacou? É brasileiro!

Viper, Angra, Shaman, Symfonia... Bandas que, por mais que tenham músicos sensacionais, não chegam ao brilho que é Matos.

Pode parecer bem fanático, mas nem sou tão fã dele – porém, é inegável o que ele é para a Música.

O meu álbum de destaque é o “The turn of the lights”, de 2012. Ele pode não ter lançado CDs

solo sensacionais, mas continua no mesmo patamar vocal.

Dos três que ele já pôs no mercado, gosto muitíssimo deste. Podem até discordar; opinião é para isso mesmo.

É claro que quando se ouve falar em André Matos, logo se remete ao período de Viper, Angra e Shaman. Não há um ser que não faça menção a uma destas três bandas ou qualquer outro projeto que ele tenha participado.

Alguém sempre vai lembrar de alguma música que ele cantou. “Carry on”, do Angra, quem não cantou loucamente? “Soooo caaar-ryy ooon” (risos). Ok, quem vive de passado é museu, mas recordar é viver! Deixemos isto para um outro momento.

Do “The Turn of The Lights” destaco: “Liberty”, “Course of life”, a canção que dá nome ao álbum, “On Your Own” e “Oversoul”. Para quem quer ouvir um pouco mais dele, fica a minha dica. Não há nada de especial no álbum, confesso, mas escute o homem cantar, tá? Não vai se arrepender... juro!



PICTURE

Weslei Varjão (@weslei_varjao | weslei.varjao@gmail.com)

Vez por outra, surgem algumas surpresas agradáveis ao procurar por bandas menos conhecidas. E uma das maiores surpresas que tive nesses últimos tempos foi com os holandeses do Picture.

Em atividade desde o início dos anos 1980, eles possuem em seu curriculum uma das maiores pepitas do Heavy Metal europeu, o excelente “Eternal Dark”. Apesar de a carreira da banda ser bem instável, eles ressurgiram com tudo em 2009 com o bom “Old Dogs, New Tricks”.

Porém, o ápice dessa volta se deu em 2012, com o lançamento de “Warhorse”. Quem é chegado ao som das bandas que fizeram parte da NWOBHM, vai se encantar com o que o grupo apresenta neste álbum.

O vocal grave do britânico Pete Lovell guia as faixas aqui apresentadas, com o instrumental acompanhando o peso com maestria.

A faixa de abertura, “Battle Plan”, é um ótimo exemplo disso, em que já somos ganhos apenas com seus acordes iniciais. O que mais impressiona, no entanto, é como a banda trabalha bem com elementos mais modernos,

sem afetar o seu estilo de som clássico.

“My Kinda Of Woman” e “The Price I Way” são duas deixas. Aqui, temos o flerte com o Sleaze Rock sueco da atualidade, mas nada que tire o brilho das canções, pois se torna interessante ver como o quinteto utiliza bem esses elementos para colocar um pouco mais de peso em alguns momentos.

“Think I Lost My Way” é uma bela balada, em que o feeling da banda é transposto da melhor maneira possível.

Ainda vale a pena destacar “War Horse”, “Rejected” e “Stand My Ground”; três faixas convidativas para um belo bate-cabeça, em que o grupo desce o braço sem dó algum e confirmam que, mesmo sendo veteranos na cena, ainda têm muita lenha para queimar.

Para finalizar, temos uma releitura para seu maior clássico, “Eternal Dark MMXI”, que, por sinal, ficou muito interessante. Bem, quem conhece a carreira do Picture não se impressionará, pois quando a banda está inspirada, nos apresenta grandes momentos. Para quem não conhece, faça isso agora. A chance de se arrepender é quase nula.



DEEP PURPLE

Igor Miranda (Van do Halen)

Toda banda com carreira extensa tem um disco considerado a “ovelha negra” da discografia. Mas esse rótulo geralmente é aplicado por ser diferente de todo o resto, e não pela falta de qualidade.

É o caso de *Slaves And Masters*, o 13º álbum de estúdio do Deep Purple.

Após desentendimentos, a reunião da formação clássica do Purple teve fim com a saída do vocalista Ian Gillan. Joe Lynn Turner, que havia trabalhado com o guitarrista Ritchie Blackmore e o baixista Roger Glover no Rainbow, o substituiu.

A sua entrada mudou o direcionamento da banda – já tiveram essa experiência com a entrada de Glenn Hughes, David Coverdale e Tommy Bolin, no passado.

Sendo assim, *Slaves And Masters*, de 1991, mostra um grupo distante de clássicos como *Machine Head* e *Perfect Strangers* – o que não é algo ruim.

As composições e as performances mantêm características clássicas do Purple, como riffs impecáveis e ótimos solos de guitarra de Blackmore, teclados e órgãos fantasticamente capitaneados por Jon Lord e uma das cozinhas mais precisas do Rock: a de Glover e Ian Paice.

Mas o estilo de Joe Lynn Turner, mais orientado para o Pop/AOR, bem como os ganchos melódicos enfáticos, deram à bolacha uma levada inspirada no AOR nos moldes do Foreigner, por exemplo. Mas sem perder sua consagrada essência em momento algum.

Esse “mix” gerou músicas mais acessíveis, o que pode agradar ou não aos fãs de trabalhos passados.

É fato que *Slaves And Masters* deve ser considerado como um capítulo à parte na história do grupo.

E o mais importante: não se deve subestimá-lo. Para a devida apreciação, deve-se evitar qualquer comparação com outros trabalhos. A proposta é diferente.

Apesar de alguns insistirem, é óbvio que aqui não se tem uma nova “*Smoke On The Water*” ou “*Child In Time*” – nem a formação responsável por tais feitos conseguiram repeti-los!

Slaves And Masters não atraiu muitos olhares na época, apesar da turnê mundial ter sido um grande sucesso.

A banda, aliás, percorreu por toda a Europa, incluindo vários países “esquecidos” por estarem envolvidos na Guerra do Golfo, bem como pela América do Sul, incluindo apresentações no Brasil pela primeira vez.

O êxito na estrada, todavia, não evitou a demissão de Joe Lynn Turner. Com exceção de Blackmore, os outros membros estavam descontentes com a direção musical.

A tendência era entrar mais ainda no gênero aqui apresentado – os estilos são diferentes, mas é algo semelhante ao que o Aerosmith fez a partir do fim dos anos 1980.

Ian Gillan foi chamado de volta, o sucessor *The Battle Rages On* foi gravado e o resto é treta.



T. REX

Breno Airan (@brenoairan | breno@rockmeeting.net)

T. Rex, T-Rex ou T Rex. A banda — originalmente conhecida como *Tyrannosaurus Rex* nos anos 1960, quando meneavam pelo folk — é uma das arquitetas do Glam Rock, juntamente com David Bowie. Este play é a quintessência do estilo. Só isso...

Com uma capa meio *Guitar Hero*, “*Electric Warrior*”, de 1971, é o segundo trabalho do T. Rex nessa fase precursora do rock farofa.

Foi o mais vendido do ano no Reino Unido. Nos EUA, alcançou o 32º lugar nas paradas. Era o Glam britânico seduzindo, onde ele fincaria mais tarde, no camarim, seu rouge. Claro que o estilo pegou carona com o movimento hippie e toda aquela coisa de liberdade sexual, no entanto, a banda não era só visual.

Do que valeria tanto brilho sem riffs marcantes? Por isso, eis aqui um servo dos senhores: Marc Bolan. O rapaz — sim, rapaz; o músico morreu ainda jovem, com 29 anos, num acidente automobilístico em setembro de 1977 — sabia “mexer” nas seis cordas. Ele realmente sabia compor, bem como

convergir pop com distorções melancólicas. Neste trabalho, há também muito groove, boogie, soul e blues. Refrões bem encaixados. Cozinha cheirando bem. Guitarras pra amantes de guitarra. Clima de fim de tarde na praia (que o diga a primeira faixa, “*Mambo Sun*”).

A segunda é a ótima “*Cosmic Dancer*”. Mais destaques pro rockão de “*Jeepster*”; pro coro em “*Monolith*”; pra levada bluezeira de “*Lean Woman Blues*”; pra percussão de Mickey Finn em “*The Motivator*”; pra baladinha “*Life’s a Gas*”; e pro zênite do play: “*Bang a Gong (Get it On)*”.

Este CD que vos apresento foi relançado em fevereiro de 2003, contando com seis músicas extras.

No mesmo ano, a revista *Rolling Stone* listou os 500 melhores álbuns de todos os tempos e este conseguiu ser o número 160.

Pois bem, o “*Electric Warrior*” aqui é matador, literalmente. As músicas foram feitas na medida certa. Se você é fã de *Poison*, *Motley Crue* e até de *The Darkness*, confira o começo de tudo!

The Burn productions

Digital Artworks
Producer
Tour Manager

metal hat & work

www.theburnart.blogspot.com